

10.

Perspectivas atuais e futuras da espiritualidade do seguimento de Jesus

Iniciamos a presente tese apresentando a espiritualidade hoje. E agora, chegando ao fim do nosso trabalho, perguntamos: À luz do legado mertoniano, quais as perguntas espirituais mais importantes para o Terceiro Milênio que se inicia? Que formas de espiritualidade são as mais relevantes para responder a elas? Qual é o futuro da vida espiritual? A nosso ver parece ser:

- Unir espiritualidade e psicoterapia, a nível pessoal. Aqui a noite escura da alma pode ser entendida como a noite escura do inconsciente individual, capaz de ser iluminado pela graça de Deus.
- Unir espiritualidade e política, a nível sócio-político. Aqui a noite escura pode ser entendida como a noite da violência e da injustiça. Seria blasfêmia falar de Deus silenciando sobre a guerra e a exclusão social.
- Unir a consciência da volta do sagrado hoje com a ação em favor da justiça cósmica (ou ecojustiça e ecoespiritualidade), aqui entendida no sentido amplo de abranger a Terra inteira. Sem descartar outras formas de espiritualidade, essas nos parecem relevantes para o futuro. A seguir desdobraremos cada uma delas.

10.1.

Unir espiritualidade e psicoterapia.

A mística está de volta no milênio entrante. Percebemos em nossa época uma tendência a buscar nos místicos do passado, enquanto pioneiros do Espírito, respostas às grandes perguntas colocadas pelo processo de integração pessoal, sempre doloroso. O itinerário espiritual delas e deles muitas vezes passa pelo inferno e purgatório psicológicos. Mas elas e eles nos ensinam que não precisamos permanecer fatalmente em tais estados. Apontam o caminho do exílio ao êxodo, sobretudo na crise da meia idade, em que há a sensação de estarmos perdidos numa floresta escura (como em Dante), ou no inferno do auto-encapsulamento e corte de relações com Deus, com os humanos e com a criação.

“Tu não abandonas a minha alma no inferno... Mostrar-me-ás o caminho da vida... em Tua Presença há plenitude de alegria”. (Sl 16, 10-11).

A nível pessoal, é cada vez mais fecunda e difundida nos dias de hoje, a união entre espiritualidade e psicoterapia (no sentido original de *medicina da alma*). No Brasil, destacamos a obra do psicanalista Sérgio Abramoff, explicitamente influenciado pela mística judaica, através do rabino Nilton Bonder⁸⁵⁵. Com fino trato, o autor, a exemplo de Merton⁸⁵⁶, propõe como terapia hoje para a tristeza e o estresse generalizados, uma ascese em nossa visão e audição. A visão do mundo exterior nos distrai e impede o olhar interior, voltado para a nossa essência. A ascese da audição significa selecionar o que vamos ouvir na TV, por exemplo, onde predomina a violência e o supérfluo (esse substitui a cultura, a religião e a política). Ele propõe redescobrir o modo simples de viver⁸⁵⁷.

Entre outros autores que abordam o tema da união entre espiritualidade e psicoterapia na atualidade, encontramos o abade trapista Thomas Keating. Ele compartilha com Thomas Merton, do qual é confrade, a mesma ênfase na “Oração de Jesus”, ou “Oração Centrante”, ou oração do coração, como uma abordagem holística, abrangendo o corpo, a alma e o espírito⁸⁵⁸.

A oração centrante, da qual Merton era ardente propagador, usa em grande medida os aportes da psicoterapia: busca atingir as raízes do ser humano e liberar todo o material psicológico indigesto (fobias, síndrome de pânico, ansiedades, traumas, rejeições, mecanismos infantis como o desejo de segurança, domínio, etc), que impedem ou dificultam a experiência mais plena do encontro com o mistério de Deus, da criação e dos seres humanos, e são fonte de imenso sofrimento pessoal. Livres de tais impecilhos, podemos caminhar mais libertos para Deus.

Mas não é suficiente a espiritualidade a nível pessoal, enquanto terapia para curar a tristeza, o estresse, a ansiedade e o pânico, e proporcionar calma de espírito. Existe o perigo de se alienar do mundo circundante. Também se corre o

⁸⁵⁵ Para um aprofundamento maior do que queremos dizer, remetemos aos artigos preciosos de Sérgio Abramoff, intitulados: *Medicina Preventiva e Estresse*. *Jornal do Brasil* 11 jun/05, A 11.

⁸⁵⁶ *SfS* 13, 234; *DWL* 225-226.

⁸⁵⁷ *Ibidem*.

⁸⁵⁸ KEATING, Thomas. *Better Part, The: Stages of Contemplative Living*. Nova Iorque: Continuum, 2002. —, *The Human Condition: Contemplation and Transformation*. New Jersey: Paulist Press, 1999. —, *Intimacy with God*. Nova Iorque: Crossroad, 1994. —, *Invitation to Love*:

perigo de prescindir de Deus e dos outros e não confiar na graça divina, mas tão somente no esforço próprio. Ressaltando apenas técnicas e boa vontade, caímos numa espécie de heresia pelagiana. Reforça-se assim o individualismo tão acentuado de nossa cultura ocidental, aumentando ainda mais a solidão dos indivíduos. Seria espiritualidade barata se não se abrir para uma perspectiva maior.

Dom Pedro Casaldáliga como um dos maiores expoentes da Espiritualidade da Libertação em nossa pátria, nutre sérias reservas a respeito de certo tipo de espiritualidade individualista e alheia à nossa realidade. Ele então faz soar um alerta: “Certas vidas monásticas clássicas, certas formas de enclausuramento, que tiveram valor em outras épocas, nem sempre seriam hoje a melhor maneira de responder à solidariedade humana e às responsabilidades sociais. Não basta se retirar à solidão para viver com Deus e resistir ao diabo. É preciso enfrentar o desafio do bem e do mal também na solidariedade com os irmãos. (Não negamos com isso a validade de vocações específicas para a contemplação radical, em solidariedade sempre, como vocações orantes, como testemunhas da transcendência, hoje mais necessários do que nunca, no meio de um mundo opaco e imediatista”).⁸⁵⁹

O Bispo de São Felix do Araguaia ressalta, com muita propriedade, a relação entre mística e compaixão quando diz: “Ninguém ouve o Deus e Pai de Jesus se não escutar simultaneamente o clamor de seus pobres e o gemido de Sua criação... É preciso ‘dar-se’ à Graça e aos irmãos, experimentar o que se anuncia, ser o que se prega, testemunhar com a própria vida o mistério que se celebra”.⁸⁶⁰ Para o mundo de hoje, compaixão parece soar como um conceito anacrônico. Mas ganhou centralidade diante das milhares de vítimas da violência da guerra, da injustiça sócio-econômica e do fanatismo religioso.

E corrigindo a visão clássica tradicional de mística como mero subir para Deus, esquecendo das realidades terrenas, assim se expressa o mesmo dom Casaldáliga: “A tradição cristã anterior nos educou num modelo de oração que só *subia*, mas não *descia*... O elevador da oração podia nos deixar ali, nas nuvens,

The Way of Christian Contemplation. Nova Iorque: Continuum, 1996. —, *Open Mind, Open Heart*. The Contemplative Dimension of the Gospel. Nova Iorque: Continuum, 1997.

⁸⁵⁹ CASALDÁLIGA, P. *Espiritualidade da Libertação*, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p, 13-16; 91-92. (EdL).

⁸⁶⁰ EdL 17.

inativos. E isso não tem valor. Porque Deus não precisa de nossa oração, nem está nas nuvens... Nós acreditamos que é preciso *subir e descer*, e que, quanto mais subimos a montanha do Reino, tanto mais *descemos* e mergulhamos na quénosis da encarnação, na paixão pela realidade e pela história... *Contemplativus in actione... Contemplativus in liberatione...* Compaixão que unge o ferido e levanta o caído”.⁸⁶¹

10.2. Unir Espiritualidade e Política

A Teologia e a espiritualidade da Libertação, que sobem para Deus e descem aos humanos, parecem estar num retrocesso na situação atual. O que os místicos chamam de ‘noite dos sentidos’ é vivido em nossa sub-América como ‘noite da injustiça e dos pobres’, massa sobrando pela globalização desumana. O recurso à violência continua sendo a forma de responder aos problemas internacionais, nacionais e estaduais. Sentimos soar o alarme diante da destruição provocada pela violência, superpopulação e superconsumismo.

Necessitamos todos de ascese para viver com mais simplicidade, para que todos possam ter o suficiente. Nesse sentido a vida monástica é um paradigma. A violência tem se convertido num meio de sobrevivência, particularmente nas favelas, onde há disputa por pontos de venda de droga. Lá também proliferam movimentos religiosos alienando o povo, reduzindo a religião a um intimismo, como nos movimentos carismáticos e neopentecostais.

Dom Pedro Casaldáliga fala em “pós-solidariedade” e em “pós-militância” (conotando o aparente fim das utopias do passado que motivaram tanto heroísmo). Também fala em “involução das igrejas”, e no estalido de fundamentalismos e alienações pseudo-religiosas”.⁸⁶²

Apesar dessa verdade inegável, ainda não passou a hora da utopia e da profecia. O Reino de Deus continua sendo o paradigma definitivo, incentivando a solidariedade. A opção preferencial pelos pobres e a libertação das pessoas continuam sendo o paradigma. Não aceitamos o programa de exclusão social

⁸⁶¹ *EdL* 130-159.

⁸⁶² CASALDALIGA, Pedro. De noche y de día a la vez. *Aunque es de Noche*: Hipotesis psico-teológicas sobre la hora espiritual de América Latina em los 90. Bogotá: Editorial Verbo Divino. 1996, p. 11-14.

proposto pelo neoliberalismo dominante. Em termos teológicos, houve uma mudança de paradigma na espiritualidade. A espiritualidade do Êxodo, predominante nas décadas de 60 e 70, cedeu lugar hoje à do Exílio.

É uma *espiritualidade de resistência* - sob o domínio da globalização - feita de espera paciente por novos tempos e que a noite escura ceda lugar a uma nova aurora. A dimensão profética da fé (sem desaparecer), dá lugar à dimensão sapiencial. É aqui que a contribuição de Merton pode ser imensa, tendo em vista que a maioria dos seus escritos se inserem nessa linha. Daí a redescoberta e reedição de suas obras nos dias de hoje, ávidos de espiritualidade e seduzidos pelo Sagrado..

A teologia e a espiritualidade atuais redescobriram e deram centralidade à tradição sapiencial da Bíblia nos livros do *Eclesiastes/Provérbios*, *Sabedoria*, e até no *Cântico dos Cânticos*, valorizando a mística esponsal e a festa. Também redescobrimos a dimensão contemplativa dos *Salmos*, ensinando a orar e a celebrar, e o valor da gratuidade que confirma a utopia e é condição para um agir apostólico mais eficaz no mundo.

O ativismo estressante parece dar lugar à dimensão contemplativa, feita de gratidão a Deus pelo dom da vida e da comunidade e também feita de entrega confiante. A dimensão sapiencial tem também um rosto feminino, a *Hagia Sophia* de que fala Merton, que pouco a pouco vai superando um modelo patriarcal de Igreja e de sociedade. Como Juliana de Norwich, podemos dizer que o pior já passou. Há sinais luminosos brilhando aqui e ali, indicando que a noite está no fim e uma nova aurora começa a aparecer no horizonte. Também pertence à dimensão sapiencial reconhecer e reverenciar os elementos de revelação presentes em outras tradições culturais e religiosas da humanidade (*espiritualidade macroecumênica*).

A espiritualidade da libertação hoje busca unir o *vinho* da contemplação com o leite (= *pão*) da ação compassiva e solidária. Sem a sóbria ebriedade e sem a gratuidade da mística (=oração, meditação e contemplação), facilmente os militantes se estressam, desanimam e seguem outros caminhos. Unicamente a mística do seguimento de Jesus, capaz de unir espiritualidade e política, conseguem revitalizar as forças em meio às dificuldades inevitáveis. Frei Betto, com sua longa experiência de contemplação e ação, não hesita em denunciar o

ativismo estéril e estressante dos que querem resolver os problemas do mundo, pensando serem insubstituíveis, mas acabam caindo em desânimo e sectarismo.⁸⁶³

Por contraste, ele apresenta como modelo do seguimento de Jesus o pessoal das CEBs, sustentado por uma espiritualidade capacitadora de uma auto-entrega sem reservas. Sabe festejar, celebrar e contemplar. As CEBs estão criando um modelo alternativo de Igreja e sociedade. “À medida em que se faz noite na Igreja e no mundo, as CEBs caminham com o Senhor, como os discípulos na estrada de Emaús, aprendendo a compartilhar a vida, a palavra e o pão. O Espírito do Senhor, que os reanima, continuamente os guia, também agora, com Sua sabedoria”.⁸⁶⁴

Essa espiritualidade continua arraigada e encarnada na vida do povo, que nas Comunidades Eclesiais de Base procura confrontar o Evangelho com a vida, e se expressa num espírito de celebração. Busca atualizar para hoje a mensagem e viver a fé evangélica, o amor compassivo e a esperança do Reino escatológico. Não pode permanecer numa mediocridade fatalista frente à situação atual, mas deve constantemente redescobrir a dimensão do sublime, nas suas vertentes sacerdotal, profética e sapiencial, baseada no vínculo indissolúvel entre a espiritualidade do seguimento de Jesus e os excluídos (Mt 25).

Destarte, prevalece atualmente nas CEBs uma *espiritualidade de solidariedade*, em contraste com o ingênuo otimismo dos militantes políticos das décadas de 60-70 do séc. XX, que acreditavam numa revolução iminente capaz de subverter a ordem estabelecida. Isso se deve ao descrédito dos políticos e à mudança dos paradigmas. Acabaram as ditaduras militares no continente e o socialismo real na URSS, que embasavam muitos dos programas políticos de então. Mas não acabou a pobreza e a exclusão; portanto, a solidariedade sempre será atual.

Também por isso hoje as pessoas preferem exercer a *solidariedade* atuando em favor da melhoria de vida no bairro, através das associações comunitárias; em defesa dos direitos humanos, das mulheres, da ecologia; no trabalho com meninos de rua, mães solteiras, idosos, doentes (aidéticos), desempregados, alcoólicos, drogados, etc. Por seu agir inauguram um novo modo de ser na Igreja e na

⁸⁶³ ME 154-155.

⁸⁶⁴ CODINA, Victor. The Wisdom of Latin America's Basic Communities. Mysticism and the Institutional Crisis. Nova Iorque: *Concilium* v. 4, 1994, p. 79.

sociedade. Por seu caráter comunitário e de partilha, desafiam o individualismo e consumismo predominantes na sociedade de satisfação imediata. Sem confrontar diretamente, contribuem para renovar a Igreja, centralizadora e saudosa de uma nova cristandade. Mas há também um movimento de resistência e solidariedade a nível global, como o Fórum Social Mundial de Porto Alegre. É uma alternativa ao predomínio do econômico sobre o social, representado pelo grupo de países ricos (G-8).

O I Fórum Mundial de Teologia e Libertação, bem como o V Fórum Social Mundial, realizados em Porto Alegre de 19 a 31 de janeiro de 2005 visaram unir as inúmeras organizações e personalidades que opõem resistência à globalização excludente. Propuseram em seu lugar a *globalização da solidariedade* (para com mulheres, indígenas, negros, gays, e minorias em geral); em defesa da água (bem vital, em parte privatizado); em defesa das sementes orgânicas (contra a manipulação genética e privatização); em solidariedade com os povos palestino e iraquiano; e, não por último, em resistência contra a prepotência imperialista da atual política norte-americana, belicista e sem compaixão. A proposta é de um multacentrismo, oposto ao império hegemônico atual, responsável por grande parte da violência e injustiça no mundo.

Alem de Dom Pedro Casaldaliga e frei Betto, Leonardo Boff representa a síntese harmônica entre espiritualidade e política. E assim como Merton, Boff também usa a “*montanha*” como metáfora da subida para Deus.⁸⁶⁵ E como São Bernardo, entende a teologia como “*ante et retro occulata*”. Ela olha para trás, para as fontes na Sagrada Escritura, na liturgia e na Tradição da Igreja, onde encontra consistência. E olha também para frente, vislumbrando perspectivas futuras, com novos desafios e interpelações.

Não olha só para trás, sob o perigo de se tornar conservadora. Nem olha só para frente, sob o perigo de se tornar modismo passageiro e inconsistente. Indo além de São Bernardo, Boff considera que a espiritualidade cristã é “*intra et extra occulata*”. Tem um olhar voltado para dentro (“*intra*”), para a interioridade, atraída para o mistério de Deus. Ela “é mística e descobre a Santíssima Trindade

⁸⁶⁵ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: A transparência de todas as coisas*. Campinas: VERUS. 202, p. 11-15. Cf. também: Teologia sob o Signo da Transformação. *O Mar se abriu: Trinta Anos de Teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola e SOTER. 2000, p. 233.

nascendo no próprio coração. O Pai gerando o Filho e, no Filho, todos os filhos e filhas na força inspiradora do Espírito Santo”.⁸⁶⁶

Tem também outro olhar voltado para fora (“*extra*”), no empenho de construir o Reino de Deus na história mediante a promoção da paz, da justiça e da integridade da criação. Como Merton, e bem mais ainda, Boff hauriu na espiritualidade franciscano-bonaventuriana a *theologia cordis* (do *pathos*, *compaixão*) e a convicção de ser o mundo um sacramento de Deus, requerendo cuidado responsável. A evolução do seu itinerário espiritual começou na tradição franciscana, tornou-se eclesiocêntrico no Concílio Vaticano II, depois centrou-se no Reino de Deus (Reino da Trindade celebrado na liturgia). Atualmente ele desenvolve uma espiritualidade holística. A seguir perguntaremos por uma espiritualidade para o Terceiro Milênio num mundo globalizado.

10.3. Reinventar a espiritualidade num mundo globalizado

Atualmente, a dimensão *extra occulata* ganhou imensa abrangência: em consonância com os novos paradigmas na ciência e na teologia, assumiu não só a espiritualidade da Terra, mas também do cosmos, texto trinitário que porta as marcas da Trindade criadora na diferenciação das partes e na interação do todo, formando uma fraternidade e sororidade cósmicas. Merton já antecipa essa intuição atual, assumindo uma visão planetária e cósmica, como expôs muito bem quando disse: “Uma coisa que o eremitério está me fazendo ver é que o universo é a minha casa, e que se eu não for parte dele, eu não sou nada”.⁸⁶⁷

O itinerário espiritual de Boff desemboca, a partir do mistério do cosmos/criação, no próprio mistério de Deus. Sua espiritualidade se transforma em assombro, admiração e contemplação. “O universo significa aquele momento em que Deus irradiou e quis Se manifestar e criar companheiros e companheiras em Sua superabundância amorosa”.⁸⁶⁸

Merton pode contemplar na TV o encontro entre as naves Gemini 6 e Gemini 7, orbitando sobre os céus do Brasil, inaugurando a era espacial na qual

⁸⁶⁶ BOFF. *Teologia sob o Signo da Transformação*. Op. cit., p. 234.

⁸⁶⁷ *MnI* 273.

⁸⁶⁸ BOFF. *Teologia sob o Signo da Transformação*. Op., cit., p. 239.

vivemos⁸⁶⁹. Atualmente vivemos na noosfera, prevista por Teilhard de Chardin, graças à Internet, possibilitando a unidade do mundo pela comunicação instantânea. Tal conectividade abre infinitas possibilidades e estamos mais capacitados a sentir assombro diante da dimensão espiritual do universo e do maravilhoso Planeta que é a nossa casa cósmica, onde o Espírito de Deus brinca num bailado cósmico. O mistério de Deus (mística) é *Sophia*: O Pai, Filho e Espírito. Ela é o princípio feminino em Deus e no universo. Como diz muito bem Merton: “O princípio feminino no universo é a fonte inexaurível de realizações criativas da glória do Pai no mundo e é de fato a manifestação de Sua glória... A beleza da criação é um reflexo da *Sophia*, viva e escondida nela”.⁸⁷⁰

Essa consciência parece dominar as pessoas de hoje, vivendo numa era planetária, e funda a espiritualidade da Terra, fundamental para o mundo globalizado atual.⁸⁷¹ Destarte, reinventar a espiritualidade para um mundo globalizado vai consistir numa tríplice abordagem, inspirada por Merton: Mística, compaixão e profecia. É um tríplice ocular, com o qual abordar a realidade em sua dimensão cósmica.

Quanto ao ocular da mística, podemos dizer que em Merton se trata da orientação total da pessoa para Deus, expressando em silêncio que só Ele é importante e nada nos pode dar verdadeira alegria, porque Ele é nosso desejo e vida⁸⁷². Ele nos capacita também a contemplar com assombro a dimensão espiritual do universo no encontro com o mistério que envolve o macro e o microcosmos. Assim, o universo como texto trinitário se apresenta como sacramento da presença divina, criado pela *Hagia Sophia* e nele as criaturas participam da bondade e sabedoria de Deus. “A Sabedoria está ‘brincando no mundo’ diante da face do Criador”.⁸⁷³ Ela criou para ter parceiras e parceiros compartilhando da bondade, da beleza e da superabundância divinas, como afirma a tradição franciscano-bonaventuriana. Daí a teologia da “*imago Dei*” na

⁸⁶⁹ DWL 324. Merton reconhece que é esse o mundo no qual vivemos. Se por um lado exalta as conquistas da tecnologia, por outro lado critica os gastos excessivos que tais projetos requerem, enquanto na Terra não conseguimos resolver os problemas básicos, e a Guerra do Vietnam prossegue com seus horrores. (DWL 325).

⁸⁷⁰ WF 4-5.

⁸⁷¹ JOHNSON, Elizabeth. *Passion for God, Passion for the Earth*. SNYDER, Hembrow Mary (Org.). *Spiritual Questions for the Twenty First Century: Essays in Honor of Joan D. Chittister*. Nova Iorque: Orbis Books, 2001, p. 120. Cf., também McNAMARA, William. *Earthy Mysticism: Contemplation and the Life of Passionate Presence*. Nova Iorque; Crossroad, 1983.

⁸⁷² DWL 278; *MnI* 290-291.

dimensão humana. Uma tal perspectiva mística, cheia de assombro, desemboca na celebração, feita de ação de graças e louvor.

Merton, comentando Agostinho em suas conferências dos domingos à tarde na sala do capítulo do mosteiro, afirma que o grande Doutor da Igreja ensinava que a astronomia nos ajuda a conhecer Deus.⁸⁷⁴ Os cientistas, que se tornaram místicos como disse Merton, contam com assombro a história da criação do universo em uma linguagem atual. Hoje sabemos que já se passaram 13,5 bilhões de anos desde a explosão inicial do Big Bang, dando origem a 100 bilhões de galáxias, cada uma com um bilhão de estrelas. E a Terra já conta com 5 bilhões de anos, nascida de uma Estrela Mãe que morreu explodindo, e ao morrer, gerou vida, como o Cristo ressuscitado. Vista do espaço, a Terra parece tão pequena, que pode ser escondida com a unha do dedo polegar estendido.

No entanto a Terra, que levou cinco bilhões de anos para se formar, pode ser destruída numa tarde, pela ação antidemocrática, antihumana e antidivina da bomba atômica. Usá-la equivaleria a dizer a Deus: tudo o que você criou nós podemos destruir. Seria rejeitar a compaixão divina. Daí ser a fabricação, estocagem e uso de bombas químicas, biológicas e atômicas a maior depravação e obscenidade moral e espiritual, ainda quando quem a detem proclame hipocritamente defender a vida (“*pro life*”) e os valores cristãos.

Os primeiros astronautas que, do espaço viram a Terra em perspectiva, contam que no primeiro dia eles procuraram identificar seus respectivos países; no segundo dia, os continentes onde moram; e, só no terceiro dia perceberam o Planeta como um mundo só, globalizado, desde onde não é possível distinguir fronteiras e barreiras⁸⁷⁵. Eis o sentido de compaixão, a interligação de tudo com tudo compartilhando um destino comum!

E nós, seres humanos, por termos consciência do Sagrado, participamos da dimensão do sublime. Somos, nas palavras de Abraham Heschel, amigo de Merton “Cantores do Universo”.⁸⁷⁶ Merton explicita a dignidade do ser humano e a razão de ser de sua presença no mundo, quando afirma: “O ser humano,

⁸⁷³ *MnI* 131.

⁸⁷⁴ MERTON, T. AA2236 *Augustin* (parte I). Arquivos do Thomas Merton Studies Center.

⁸⁷⁵ DOWD, Michael. *Earthspirit: A Handbook for Nurturing an Ecological Christianity*. Mystic: Twenty Third Publications, 1991.

⁸⁷⁶ Apud JOHNSON, Elizabeth. *Passion for God, Passion for the Earth*. SNYDER, Mary Hembrow (Org.). *Spiritual Questions*. Op. cit, p. 120.

microcosmos e coração do universo, é chamado a efetuar a fusão dos processos cósmicos e históricos na invocação final da sabedoria e amor de Deus... e a oferecer o cosmos ao Pai, pela força do Espírito, na Glória da Palavra... e alcançar o coração do mundo material criado para ser espiritualizado”.⁸⁷⁷

Quanto ao ocular da compaixão, consiste em estender o conceito de parentesco a todas as criaturas, humanas e não humanas. Um olhar místico sobre o universo nos ensina não só a interdependência, mas também a generosidade e solidariedade que vigem no cosmos. O místico medieval sufi Hafiz percebeu isso ao dizer, a respeito da interdependência entre o sol e a terra: “Mesmo transcorridos tantos séculos/ O Sol nunca diz à Terra: ‘Você tem uma dívida para comigo’/ Veja o que acontece com um amor como este:/ Ilumina o céu inteiro”.⁸⁷⁸

Uma tal generosidade é o outro nome para a compaixão e, como diz a própria etimologia, é geradora (*‘geradora’*) de vida. Contemplar o sol, a terra e o céu nos ensina a ser generosos como as místicas Juliana de Norwich, Dorothy Day, Catherine de Hueck, Rosemary Ruether, Elizabeth Johnson entre outras. Com o ocular da compaixão, elas conseguiram perceber que, apesar da aparente insignificância da Gaia-Terra perdida na imensidão do espaço infinito, não obstante em sua pequenez ela abriga a comunidade de vida em uma interdependência fantástica de tudo com tudo. Não existe nada que seja isolado. *Homem algum é uma ilha*, como escreveu Merton, (*No Man is na Island*), na esteira de John Donne⁸⁷⁹, assim como país algum é uma ilha.

Daí que a teóloga Elizabeth Johnson nos exorta a estender o conceito de generosidade e compaixão a todas as criaturas viventes sobre a face do nosso Planeta Terra, quando diz: “Tudo o que a fé cristã ensina sobre a solicitude para com os pobres e oprimidos, agora deve incluir também o mundo natural. O bem comum agora inclui a Terra e todas as criaturas viventes além dos humanos... Se a natureza é o novo pobre, então devemos estender a opção preferencial pelos pobres a outras espécies. Devemos ampliar a compaixão solidária com as vítimas e a ação em favor da justiça para incluir não só os seres humanos sofredores, mas

⁸⁷⁷ *MnI* 131.

⁸⁷⁸ LAKINSKI, Daniel (trad.) *The Gift: Poems by Hafiz the Great Sufi Master*. Nova Iorque: Penguin/ Arkana, 1999, p. 34. Apud FOX, Mathew. *Biophilia or Necrophilia?* SNYDER, Hembrow Mary (Org.). *Spiritual Questions for the Twenty First Century: Essays in Honor of Jan D. Chittister*. Nova Iorque: Orbis Books, 2001, p 144.

⁸⁷⁹ RUDOLPH, Erwin Paul (Org.). *The John Donne Treasury*. Wheaton: Victor Books, 1978, p. 4.

também os outros sistemas de vida e espécies”.⁸⁸⁰ Johnson estabelece assim um vínculo indissolúvel entre injustiça sócio econômica e devastação ecológica. E propõe concomitantemente uma ecojustiça.

Quanto ao ocular da profecia, consiste no espírito de resistência à cultura de morte atual, que desconsidera a sustentabilidade da terra e as criaturas não-humanas. Ele propõe o imperativo categórico de resistir à tentação do superconsumismo e da satisfação imediata. E, no mesmo empenho de Merton pela paz, cheio da mesma espiritualidade da resistência, da solidariedade e da criação, unindo poesia, dom profético e místico, Boff exclama com indignação ética diante da prepotência imperialista hegemônica atual, usando palavras que coloca na boca do Cristo Redentor do Corcovado, parafraseando o Sermão da Montanha quando diz: “Ai de vós, senhores da guerra, inimigos da vida e da natureza e assassinos dos meus irmãos e irmãs do Islão... Maldita a ‘mãe de todas as bombas’... Usais o nome do Deus da vida para tirar a vida dos outros”.⁸⁸¹

Nada mais conforme ao espírito de Merton do que essa condenação profético-mística, que o Eremita de Gethsemani endossaria totalmente, se vivo estivesse entre nós. Porém ele o faria desde o coração do império belicista, em manchetes no *The New York Times*, no *The Washington Post*, e principalmente no *The Catholic Worker*, jornais para os quais costumava escrever, e que hoje são instâncias críticas diante da prepotência do governo norte-americano.

Sintetizando o encontro com o mistério da criação, de Deus e do humano, depois dessa condenação profética ao fundamentalismo dos que usam o nome de Deus em vão, Boff irrompe em uma prece ao Deus Pai, expressando a utopia presente no coração de todos nós nesse Terceiro Milênio, para que os humanos aprendam a cuidar uns dos outros e a cuidar de nossa comum morada, a generosa mãe e irmã Terra. Desdobrando o sentido da compaixão, intercede para que eles “se enxuguem mutuamente as lágrimas, que se apertem as mãos, que se beijem na face, que se sentem à mesa e sintam a generosidade da comida suficiente para todos. E riam e cantem e amem e venerem sob o mesmo arco-íris da graça divina que se estende sobre todos, expressão do Teu e nosso Reino de bem-querença e paz”.⁸⁸²

⁸⁸⁰ JOHNSON, Elizabeth. *Passion for God, Passion for the Earth*. Op., cit., p. 123.

⁸⁸¹ BOFF, Leonardo. O que fez George Bush? *Jornal do Brasil* de 21/mar/03, p. A3.

⁸⁸² BOFF. *JB*. 21/mar/03.

Vemos nessa afirmação ressonâncias claras da espiritualidade bonaventuriana, com sua visão jovial, otimista e pacificadora. Para quem tem fé, esperança e amor, o universo não é sem sentido, opaco e absurdo, mas transparente à presença de Deus Trindade. Pois, como afirma triunfantemente Boff: “Tudo vem penetrado por Deus, tudo está em Deus e Deus está em tudo... Neste nível, falamos mais de *espiritualidade* que de religião, mais a Deus do que sobre Deus. Então a teologia se abre à mística e à poesia”.⁸⁸³ Merton também uniu a ambas, na convicção já expressa nos capítulos precedentes, de que “acima de tudo e em tudo está Deus” (*SfS* 45 e *MnI* 128).

Já o papa Paulo VI abordava essa estreita vinculação entre mística e poesia. Em sua Carta Apostólica *Altissimi Cantus*, comemorando o VII aniversário do nascimento de Dante Alighieri, (que tanto influenciou a mística cristã, e Merton em especial), o Papa afirma: “Os homens que dedicam sua vida inteira à busca da contemplação... são candidatos à poesia mais sublime, tendo como modelos os vaticínios dos profetas e os Salmos de Davi... Há uma secreta correspondência entre a poesia e o dom profético e místico. Ambos se dirigem à morada mais profunda do ser, ao cimo mais alto do espírito, ao centro do coração, onde os místicos experimentam a presença de Deus... autor da Beleza”.⁸⁸⁴

Resumindo, devemos vencer o dualismo que desvaloriza a matéria, e também substituir a *fuga mundi* pela conversão ao mundo⁸⁸⁵. Não nos comportar como dominadores, mas imitar a liberdade de Deus, que se esconde em sua criação para deixá-la ser. Tomar consciência do parentesco que une a todas as espécies vivas (compaixão). É preciso conversão à espiritualidade da Terra. Nela redescobriremos a dimensão do sublime, a glória de Deus que enche o universo. Para tanto é preciso redescobrir o cuidado pela terra. Cuidar da terra supõe um tríptico ocular: místico, compassivo e profético. Eis o que significa reinventar a espiritualidade para o novo milênio.

A espiritualidade integral para o mundo globalizado (que ainda está em estágio embrionário) acentua a interconectividade de tudo com tudo e luta contra todas as formas de dualismo (alma x corpo, amor x justiça, matéria x espírito, céu

⁸⁸³ BOFF. *Teologia sob o Signo da Transformação*. Op., cit., p. 240.

⁸⁸⁴ PAULO VI. *Altissimi Cantus*. AAS 58, 1996, p. 36. Disponível em www.vatican.va. Acesso em 2/dez/02.

⁸⁸⁵ *DWL* 294.

x terra, sagrado e profano, contemplação x ação). Ao mesmo tempo a espiritualidade integral porta as marcas da simplicidade, em oposição ao superconsumismo, sabendo que os recursos da terra são limitados. Abandonando o supérfluo será possível proporcionar vida abundante para todos.

A perspectiva para a vida espiritual futura é então desenvolver uma espiritualidade global, para além da visão meramente intimista. Deve vencer o provincianismo e paroquialismo que vê apenas a “minha família”, a “minha cidade”, o “meu país”, o “meu continente”, etc. Enfim, a espiritualidade do futuro deverá ser místico-profético e compassiva. Saberá celebrar o mistério de Deus, do humano e da criação.